



**SESI
CULTURAL**
DIVERSÃO QUE TRANSFORMA.

Núcleo de Dramaturgia

A nova geração
de autores

2014

O Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural foi lançado em abril de 2014, com o objetivo de descobrir e desenvolver novos autores no Rio de Janeiro. Por meio de inscrições, 20 textos foram selecionados e os candidatos tiveram a oportunidade de trocar experiências com Carla Faour e Henrique Tavares, dois dramaturgos renomados no cenário carioca. Durante um ano, o projeto ofereceu aulas práticas, além de promover encontros abertos ao público para debates sobre a dramaturgia no Brasil.

O lançamento contou com a consagrada crítica teatral Barbara Heliadora (1923–2015). O Núcleo também recebeu a atriz Claudia Raia, que abordou o gênero musical, e o ator Marcos Caruso, que falou sobre a importância de projetos que incentivam o surgimento de novos dramaturgos para o teatro. Após um mergulho no universo das artes cênicas, sete participantes foram escolhidos para a segunda etapa, que consistiu em dar uma linguagem teatral aos textos iniciais.

O projeto também trouxe de São Paulo o 1º Congresso Brasileiro de Dramaturgia, que aconteceu em dezembro de 2014, com o objetivo de reunir estudantes, profissionais e interessados em teatro, cinema e televisão, para discutir os rumos da dramaturgia. O evento contou com quatro mesas-redondas e a participação de nomes como Aderbal Freire-Filho, Aimar Labaki, Jô Bilac, Marici Salomão e Lauro Cesar Muniz.

Em janeiro e fevereiro de 2015, aconteceram leituras dramatizadas no Teatro SESI Centro e três obras foram selecionadas por uma banca formada por Carla Faour e Henrique Tavares, além de Marcia Zanelatto, Inez Viana e Colmar Diniz, nomes importantes da dramaturgia brasileira. Nesta publicação estão os textos vencedores e o resultado desse belo trabalho realizado ao longo do ano: *Os atrasados*, de Leandro Bellini, *Amores Flácidos*, de Herton Gustavo, e *Vende-se uma geladeira azul*, de Rafael Cal, escolhido para ser montado e encenado pelo SESI em sua rede de teatros.

Na primeira edição do projeto ficou clara a necessidade de um olhar mais atento sobre a dramaturgia, de espaços para discutir o tema e de mais oportunidades para os novos talentos. Por isso, o Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural entende que contribui para o desenvolvimento das artes cênicas e o surgimento de autores no Rio.

Boa leitura.



Autor do texto *Vende-se uma geladeira azul*:
Rafael Cal nasceu em 1985, é professor e autor. Fundou e é o responsável pela dramaturgia da Interferência Teatral, com prêmios em festivais nacionais e regionais. Foi colaborador do *Blogs do Além* e publica textos em revistas e sites literários.

Rafael
Cal



Vende-se
uma
geladeira
azul

PERSONAGENS

ANNA
BERNARDO
JOÃO

Prólogo

Passado. Há três crianças correndo pela casa, passando pela cozinha. Os três têm idades próximas, em uma escadinha, entre 6 e 8 anos. São dois meninos, Bernardo e João, e uma menina, Anna. A correria é acompanhada por uma grande algazarra, como se estivessem em uma brincadeira de pique muito animada. João aponta a geladeira azul no centro da cozinha.

JOÃO

Quero sorvete!

ANNA

Ai, que saco.

BERNARDO

Pô, você só quer comer. Vamos chamar a vovó pra pegar o sorvete pra você.

ANNA

Parece que tá numa eterna larica...

JOÃO

Lombriga?

ANNA

Larica.

BERNARDO

O quê?



JOÃO

O que é larica?

ANNA

Não sei. Só ouvi a vovó dizendo noutra dia que tava na maior larica enquanto atacava a geladeira.

BERNARDO

Atacava a geladeira?

ANNA

É, tem sempre alguma coisa gostosa aí dentro, né?, e ela fica com a cara enfiada aí dentro às vezes.

JOÃO

É.

BERNARDO

Larica parece com lombriga.

JOÃO

Não tenho lombriga!

ANNA

É, não tem, não disse que tem, deixa de ser chato. E, Bernardo, deixa de ser criança também.

BERNARDO

Mas eu sou criança.

ANNA

Então, deixa de ser chato.

JOÃO

É, deixa de ser chato.

BERNARDO

Não sou chato. Vamos chamar a vovó pra pegar o sorvete.

ANNA

Não, a vovó tá ocupada. E se ela vier aqui vai mandar a gente tomar banho pra jantar daqui a pouco.

JOÃO

Não quero tomar banho.

BERNARDO

Eu quero jantar daqui a pouco.

ANNA

Mas a gente tá brincando, tem que continuar a brincadeira, se a gente parar vai se perder.

JOÃO

É só um sorvete, depois a gente continua.

ANNA

Ai, João, você é muito sem compromisso prum garoto de seis anos de idade.

BERNARDO

Ei, o que a gente vai fazer? Não alcanço o congelador direito.

ANNA

Você tem certeza que tem sorvete?



JOÃO

Tenho, Anna. Eu vi a vovó mexendo nos potes ontem.

BERNARDO

Não tô vendo nada.

JOÃO

Essa geladeira é grande, atrapalha tudo.

ANNA

Vou pegar a cadeira pra ajudar.

Os três arrastam a cadeira juntos e Anna sobe nela pra pegar o pote de sorvete. Ao abrir, descobre que é feijão que está guardado no pote.

ANNA

É feijão.

João chora. Bernardo lamenta. Anna fica meio chateada de ter parado a brincadeira à toa.

JOÃO

Eu odeio essa geladeira.

CENA 1

Dias atuais. Os personagens são adultos, em torno dos 30 anos. Anna está na cozinha da antiga casa da avó. O local parece meio abandonado, não há muita coisa, apenas uma geladeira azul e uma mesa. Ela fotografa a geladeira e passa a mexer no telefone. João chega.

JOÃO

Ei.

ANNA

Oi, tava tentando falar com você.

JOÃO

Meu telefone não pega aqui.

ANNA

Ele não pega em muito lugar, né? Nunca consigo falar com você...

JOÃO

Telefone é um símbolo da dominação do homem, do triunfo do capitalista sobre o ser humano, é...

ANNA

João, corta essa, você só é mão de vaca, compra esses telefones vagabundos que vivem dando pau, não tem nada a ver com a luta anticapitalista.

JOÃO

Você já parou pra pensar que isso talvez seja uma forma de luta também? Bom, mas não estamos aqui pra isso. Como tá tudo?

ANNA

Bem. Meio ocupada.

JOÃO

Como sempre.

ANNA

Como sempre.

JOÃO

Ainda na... na...

ANNA

Na mesma. Fazendo as mesmas coisas.

JOÃO

E trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana.

ANNA

Sou boa no que faço.

JOÃO

Ganhando rios de dinheiro.

ANNA

Não tanto quanto eu poderia gastar.

Os dois riem.

ANNA

E você? Na mesma?

JOÃO

Fazendo uns freelas.

ANNA

Você me disse que tinha pedido demissão.

JOÃO

Tava me estressando muito o trabalho.

ANNA

Bem-vindo à minha vida.

JOÃO

Não, por favor. De jeito nenhum.

ANNA

Mas você não tava naquele site de fofoca?

JOÃO

Editoria de celebridades.

ANNA

Subcelebridades.

JOÃO

Pode ser que você esteja certa. Mas editoria de celebridades confere um certo valor ao trabalho, não?



ANNA

Não, não me parece.

JOÃO

É, também não me parece mais, mas fico insistindo porque normalmente as pessoas não querem conversar tanto tempo sobre isso, como você.

ANNA

Tá, vou parar. Mas só me responde uma coisa: como isso pode ser estressante? Foto de gente na praia, estacionando no *shopping* ou indo comprar pão, como pode?

JOÃO

Eu perdia muito tempo no Photoshop.

ANNA

Entendo.

JOÃO

Mas tô fazendo umas paradas aí pra relaxar.

ANNA

Sei.

JOÃO

Não é fumo.

ANNA

Não?

JOÃO

Não é só fumo. Tô fazendo ioga.

ANNA

Sério?

JOÃO

E correndo.

ANNA

Legal. Parece as mulheres dos meus colegas de trabalho.

JOÃO

Sabia que você ia criticar... porque você é assim, né?

ANNA

Mas tô te elogiando.

JOÃO

Claro.

ANNA

Elas são superdescoladas. Você frequenta o *shopping* às segundas também?

JOÃO

Vai se foder.

ANNA

Tá fazendo efeito, tá bem mais relaxado.

JOÃO

Você é muito crítica. Preciso que você me apoie às vezes.

ANNA

Certo.



JOÃO

Obrigado.

ANNA

Duas perguntas, então.

JOÃO

Diga.

ANNA

Quanto custa a ioga e quando você vai começar a faltar seguidamente até admitir que abandonou de fato?

JOÃO

Eu não sei por que eu ainda converso com você.

Silêncio.

JOÃO

E aqui? O que resolveu?

ANNA

Você não vai gostar de saber.

JOÃO

Como assim?

ANNA

Espera, o Bernardo tá chegando, a gente conversa de uma vez só.

JOÃO

Mas você falou com ele?

ANNA

Você sabe como é o Bernardo e a questão dos atrasos, é patológico.

JOÃO

Verdade.

ANNA

Ele tá no caminho, o trânsito tá ruim, mas ele disse que tá chegando.

JOÃO

Por que a gente não pode ir falando sobre o assunto? É sério?

ANNA

Mais ou menos.

JOÃO

Como mais ou menos?

ANNA

É grave, mas eu ri quando soube.

JOÃO

Riu?

ANNA

Não consegui não rir.

JOÃO

Então, é bom?

ANNA

É grave, eu disse.

JOÃO

Como pode ser grave e você rir?

ANNA

Sei que não parece exatamente plausível, mas é.

JOÃO

Tá muito confuso pra mim.

ANNA

João, a velha é foda.

JOÃO

Era.

ANNA

É. A velha morreu e continua sendo foda.

JOÃO

Foda em que sentido? Porque foda pode ser *(mudando o tom)* "olha, que legal, que foda" ou *(mudando o tom outra vez)* "nossa, como ela pôde fazer uma coisa dessas?, ela é foda".

ANNA

Deixa eu te mostrar uma coisa.

Anna pega uma pasta na bolsa. De dentro da pasta, retira um documento.

ANNA

Vou ler pra você. *(começa a ler)* Número quatro, *(interrompe a si mesma)* ah, vou pular aquela parte dos dados pessoais e do blá blá blá, tá? *(volta à leitura)* Número

quatro: a inventariante declara que o de cujus faleceu sem deixar bens corpóreos ou incorpóreos a partilhar, bem como não existem obrigações a serem satisfeitas pelo espólio.

Bernardo chega.

BERNARDO

Como não tem bens?

ANNA

Bernardo.

BERNARDO

Oi. Como não tem bens?

JOÃO

Filha da puta!

ANNA

Ela doou tudo antes de morrer.

JOÃO

Doou? Que porra é essa?

BERNARDO

Pra quem?

ANNA

Casa de Repouso Fênix.

JOÃO

O lugar que ela tava?



ANNA

Isso.

JOÃO

Doou tudo praquele asilo maldito.

BERNARDO

Como ela pôde fazer isso?

JOÃO

Eu falei que a gente tinha que ter interditado ela, eu falei. Velho é foda.

ANNA

Ainda tô tentando entender por que ela fez isso.

BERNARDO

Eu não acredito que ela fez isso com a gente.

JOÃO

Por que, Anna? Sabe por quê? Porque é velha. E velho é um bicho escroto.

ANNA

Tô tentando assimilar, isso deve querer dizer alguma coisa.

JOÃO

Que ela é uma cretina.

BERNARDO

Era.

JOÃO

É. Porque morreu e continua sendo cretina.

BERNARDO

E você, Anna?

ANNA

Eu?

JOÃO

É. Você não levou nada não?

ANNA

Como assim?

JOÃO

Sei lá, ué, te dei uma procuração.

BERNARDO

Não, não tô falando disso. Mas você não sabia de nada?

ANNA

Como saberia?

JOÃO

Sei lá, você é mulher. Neta dela. Poderia ter te dito.

ANNA

Sei tanto quanto vocês. Quase não fui ao asilo.

JOÃO

Aquele lugar tinha cheiro de mijo.

BERNARDO

Era mais limpo que a sua casa.

ANNA

Você quase nunca ia lá.

JOÃO

Nem o Bernardo.

Anna pega outros documentos e entrega a João e Bernardo. Os dois observam atentamente os papéis e balançam a cabeça.

ANNA

Aqui os papéis das doações que ela fez em vida. Não precisava da gente pra nada.

BERNARDO

Como ela vai deixar a gente assim?

ANNA

Assim como?

JOÃO

Assim, sem nada, ué.

ANNA

Não é bem assim.

BERNARDO

Mas você disse que...

JOÃO

Ela não deixou tudo pro asilo?

BERNARDO

Casa de repouso.

ANNA

Deixou. Mas o diretor de lá me entregou uma carta essa semana e foi por isso que chamei vocês.

Anna pega outro papel na pasta. É uma carta escrita pela avó. Os três se aproximam da folha. Cada um deles lê um trecho.

ANNA

Vocês devem estar se perguntando por que deixei todos os meus bens para a Casa de Repouso Fênix, lugar em que passei meus últimos anos. A resposta é bem simples, tão simples que não acho que preciso dizer a vocês.

BERNARDO

Confio no bom senso dos três e que serão capazes de compreender o que pensava quando tomei essa decisão. Criei vocês pra isso. Tentei, após a morte dos seus pais, criá-los da melhor maneira possível. Não sei se consegui, mas fiz meu melhor.

JOÃO

Queria deixar claro também que não os deixei sem nada. Tampouco os evitei uma herança. O fato é que os bens já não eram meus, já havia repassado tudo à casa de repouso. E, João, por favor, não chame de asilo, soa pejorativo demais. Como disse, já tinha me desfeito de tudo em vida, de modo que não houvesse briga após a minha morte.

BERNARDO

Vocês cresceram e já não os via como gostaria. Nada disso, Bernardo, não se trata, por favor, de nenhuma punição por nada. Envelhecer tem um ônus triste que é ver as pessoas morrendo ou indo embora pras suas próprias vidas. Já esperava por isso de vocês. Entendo, a vida é assim mesmo.

ANNA

Ao dizer que não os deixei sem nada, quero dizer que ficaram com algo que acredito ser uma boa herança pra vocês. Pedi que a Anna fosse avisada desta carta e que os levasse para a minha velha casa. Aí, na cozinha, está o que de mais precioso posso lhes deixar. Essa geladeira azul. Fiquem com ela e façam dela o que acharem melhor. Assim como falei no início, confio no bom senso de vocês. Sejam felizes. Com amor, vovó.

Longo silêncio.

JOÃO

Eu odeio essa geladeira.

CENA 2

O telefone de Bernardo toca. É a esposa. Ele sinaliza para os irmãos e afasta-se um pouco.

BERNARDO

Oi, tudo bem? (...) Sim, todos. Espera um pouco. (...) Tava indo prum lugar mais tranquilo. (...) Sim, né?, tá todo mundo meio estressado aqui. (...) Bom, você não vai acreditar. (...) Não, não. Nem adianta tentar. A vovó deixou uma geladeira pra gente, isso mesmo, aquela geladeira azul da cozinha dela, não sei se você lembra. (...) é, tá o caos aqui. (...) É, amor, uma geladeira. (...) Não, eu não sei, não faço ideia. (...) É uma geladeira, porra, o que eu vou fazer com o raio de uma geladeira velha, azul, não sei. (...) Tá, tá inteira, por fora tá inteirinha, nenhuma marca, nada, não sei por dentro. (...) Bom, se valesse alguma coisa, dava até uma forcinha pra pagar a festa da Maria Eduarda. (...) Não, amor, não é isso. É só que a festa tá bem cara, né? (...) Não tô dizendo pra gente não fazer, só tô dizendo que é uma coisa nossa, não tem nada a ver com a Maria Eduarda. (...) Amor, ela só tem um ano. Quer dizer, nem um ano ela tem ainda, vai fazer. Como ela vai se lembrar de alguma coisa? (...) Eu, por exemplo, não faço ideia de como foi a minha festa de um ano. Você lembra da sua? (...) Pois então. (...) Aliás, as minhas festas de infância me parecem, na memória, todas iguais. Minha avó fazia um bolo, uns salgadinhos e soltava umas crianças correndo por aqui (*numa fusão entre o tempo atual e as lembranças de Bernardo, Anna e João passam correndo, como duas crianças brincando de pique.*).

CENA 3

Passado. Voltam as crianças à cena.

É o aniversário de Bernardo. A cozinha está servindo a uma festa infantil que se passa na sala ao lado. Há coisas relacionadas à festa espalhadas por ali que denunciam o evento. Vez ou outra passam crianças correndo. Bernardo, o aniversariante, parece meio contrariado, sentado em um canto da cozinha. Anna está ajudando a organizar as coisas.

ANNA *(na direção da sala)*

Ei, atenção, crianças, cuidado com a mesa de doces. Não quero ver ninguém mexendo nela, hein? Vovó, já tô levando a outra bandeja, precisa de mais alguma coisa? *(para Bernardo)* Tá tudo bem?

BERNARDO

Oi?

ANNA

Aconteceu alguma coisa?

BERNARDO

Não, nada.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

Aham.

Anna continua arrumando as coisas na cozinha. João entra e mostra uma espada.

JOÃO

Olha, Bê, olha que legal que eu ganhei da vovó.

BERNARDO

O quê?!

JOÃO

Uma espada! Olha como ela é legal!

BERNARDO

Como assim?!

JOÃO

Pô, Bê, é uma espada, não tá vendo?

BERNARDO

Eu tô vendo a espada!

JOÃO

Então, não é legal?

BERNARDO

Não é nada legal!

JOÃO

Claro que é!

BERNARDO

É claro que não!

JOÃO

Por quê?

ANNA

Olha, o João tem razão, é bem legal.

BERNARDO

Mas não é nada legal!

ANNA

Como não?

JOÃO

É, o que tem de errado com a minha espada?

BERNARDO

Ela é sua espada! É isso que tem de errado!

João fica ofendido e chora discretamente.

ANNA

Ai, olha que grosseria... Pera, João, não fica assim...

BERNARDO

Não foi nenhuma grosseria.

ANNA

Mas por que você tá dizendo isso?

BERNARDO

Anna, é meu aniversário!

ANNA

E o que tem?

BERNARDO

Por que o João tá ganhando presente no meu aniversário?

ANNA

Porque ele é criança, ué.

BERNARDO

Mas eu também sou.

ANNA

Então, e tá ganhando presente também.

BERNARDO

Mas eu tô ganhando presente não por ser criança, mas porque é o meu aniversário, ora.

ANNA

Ué, juntou as duas coisas: é criança e é seu aniversário. Ganhou presente.

BERNARDO

Anna, isso não faz o menor sentido. Ele não tem que ganhar presente hoje!

ANNA

Mas como você é egoísta.

BERNARDO

Não é egoísmo, eu só não entendo.

ANNA

Mas o que tem pra entender?

BERNARDO

O presente!

ANNA

Não tem nada pra entender.

BERNARDO

Hoje é meu dia! Meu!

ANNA

Ai, para.

JOÃO

Você quer meu presente, Bê?

ANNA

Não, João, não faz isso.

BERNARDO

Não, João, não quero.

JOÃO

Porque você pode ficar.

ANNA

Não, não pode, é seu.

JOÃO

Mas é aniversário dele.

BERNARDO

Você tem toda a razão.

ANNA

Não, não tem. Para com isso, Bernardo.

BERNARDO

Anna, ele ganhou uma espada! Uma espada!

ANNA

O que tem uma espada, Bernardo?

BERNARDO

Poxa, é uma espada!

ANNA

É de brinquedo, nem dá pra sair cortando cabeças por aí.

BERNARDO

Mas eu não quero cortar cabeças por aí.

ANNA

Então?...

BERNARDO

É o melhor brinquedo de todos, é o melhor presente de todos!

ANNA

Ai, nossa, como você é esquisito, o melhor presente de todos seria uma viagem pra Europa com tudo pago.

BERNARDO

Eu só tenho 8 anos, vou fazer o quê na Europa?



ANNA

Tem razão, é muito jovem. Não dá pra curtir um vinho, mas pode comer um queijo.

BERNARDO

Tem queijo aqui em casa, não preciso ir à Europa.

ANNA

Ai, como você pensa pequeno...

BERNARDO

Você também é uma criança.

ANNA

Sim, mas...

BERNARDO (*interrompendo*)

Mas nada, você vai fazer o quê na Europa?

ANNA

Não sei, mas parece um presente melhor que esse troço aí.

BERNARDO

É uma espada!

ANNA

Ah, tá, tá.

BERNARDO

Tá coisa nenhuma!

ANNA

Do quê você tanto reclama? Não ganhou nenhum presente legal?

BERNARDO

Anna, eu ganhei meias da vovó.

ANNA

Meias são mais úteis que espadas.

JOÃO

Não sei em que mundo você vive, Anna.

BERNARDO

Obrigado, João.

ANNA

Meias aquecem o corpo no inverno.

BERNARDO

Meias são uma grande droga. E principalmente quando a droga do seu irmão ganha, na droga do dia do seu aniversário, uma droga de espada que você queria ganhar! E não faz essa cara de coitadinho.

ANNA

Para, Bernardo!

BERNARDO

Não paro. Ele tem essa cara de pardal sem asa e é por isso que fica ganhando presente. A vovó deve ter ficado pensando, nossa, vou dar alguma coisa praquela criança depressiva antes que ele tente se matar engolindo soldadinhos de chumbo.

JOÃO

O que é depressivo?



ANNA

Para!

BERNARDO

Sabe o que você é, João? Sabe? Você é um golpista, isso sim! Um golpista! Um falso, um cretino!

Silêncio. Todos estão exaltados: João chora; Bernardo está enfurecido; Anna, com raiva.

ANNA

Sabe por que ele ganha presente no dia do seu aniversário?

BERNARDO

Sei, porque ele é criança, você acabou de dizer.

ANNA

Não, não é só por isso.

BERNARDO

Ah, é?

ANNA

É, é porque ele é legal também.

Silêncio.

BERNARDO

Eu odeio essa festa.

CENA 4

Dias atuais.

Bernardo retorna à cozinha e encontra os irmãos conversando.

ANNA

Lembra que o Bernardo odiou a festa? De quantos anos era?

JOÃO

Não sei.

ANNA

Bernardo, de quantos anos era aquele aniversário que você deu um ataque porque o João ganhou uma espada?

BERNARDO

Não sei do que você tá falando.

ANNA

Jura? Você ficou muito irritado, muito, porque a vovó deu uma espada pro João no dia do seu aniversário.

BERNARDO

Anna, acho que a gente tem coisas mais importantes do que ficar falando de lembranças tristes da minha infância, não?

ANNA

Então, você lembra, né?



BERNARDO

Não, Anna, não. Só quero resolver essa história logo. Quero voltar pra casa. Logo. Tenho coisas pra resolver.

JOÃO

Todos nós temos.

BERNARDO

Ah, João, desculpe, você deve estar muito ocupado tendo que arrumar a sua coleção de quadrinhos.

ANNA

Não vamos começar, hein?

BERNARDO

Eu não tô começando nada.

JOÃO

Nem eu.

BERNARDO

Eu quero resolver. Quero resolver isso e ir logo embora daqui.

ANNA

Então, ótimo.

JOÃO

O que a gente vai fazer pra resolver esse lance?

ANNA

Eu não quero ficar com a geladeira. Já tenho uma geladeira nova, acabei de

comprar. Aquelas com água na porta e o caramba. Tudo muito caro, mas, pelo site, me pareceu a mais moderna. A mais cara, certamente, deve ser.

BERNARDO

Eu também, em princípio, não quereria. A Juliana me fez comprar uma geladeira dessas, toda cheia de coisa. Aliás, ô, João, tu tem geladeira?

JOÃO

Tenho, Bernardo.

BERNARDO

Não sei, né? Convém perguntar.

JOÃO

Não tão moderna quanto a de vocês, mas tenho. Mas é de um modelo novo, tem até uma parte em cima que fica mais gelada e dá pra congelar coisas, como se a gente tivesse no polo norte, acredita? Chama "congelador", parece.

ANNA

Foco, pessoal, foco.

JOÃO (*entre os dentes*)

Babaca.

ANNA

Isso é um estorvo pra todos nós. É só um troço velho que vai ficar ocupando espaço na casa de alguém.

JOÃO

Eu já tenho um monte de coisas comigo que só ocupam espaço.



BERNARDO

Eu só queria entender o que a velha tem, ou tinha, né?, na cabeça pra deixar esse troço pra gente.

JOÃO

Só ela.

ANNA

A gente pode pensar em vender prum ferro-velho.

JOÃO

Deve valer alguma coisa.

BERNARDO

Não sei. Porque, na verdade, um ferro-velho usaria isso pra dividir e vender as peças pra revendedoras. Ainda existe alguém que use essa geladeira?

ANNA

Verdade.

JOÃO

Mas pode ser que dividam em pedaços pra vender pra reciclagem, sei lá.

BERNARDO

É uma possibilidade.

JOÃO

Mas esse esquitejamento da geladeira parece uma coisa errada, não?

ANNA

Hã?

JOÃO

Sei lá, imaginei a geladeira sendo desmembrada e gritando, enfim, deixa pra lá.

BERNARDO

Drogas... tô falando...

JOÃO

Não, cara, deixa de ser babaca, tô falando simbolicamente, né? Eu entendo que a geladeira não tem vida ou sentimentos, porra.

BERNARDO

A velha deixou essa porcaria pra gente só pra dar trabalho.

O telefone de Bernardo vibra. Ele se afasta. Lê uma mensagem no aparelho e olha pra geladeira. Retorna depois de alguns segundos.

BERNARDO

Mas eu posso resolver a história da geladeira. Deixa ela lá em casa.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

Vamos deixar lá em casa até a gente acertar a coisa do ferro-velho.

ANNA

Mas não vai te atrapalhar?

BERNARDO

A casa é grande.



ANNA

Ai, que bom!

BERNARDO

O quintal é grande. Deixo por lá.

JOÃO

Ótimo!

BERNARDO

E tenho um cliente que tem negócios com um ferro-velho. Faço esse contato e resolvo a coisa toda.

ANNA

Não vou precisar me preocupar com esse troço aí.

JOÃO

No meu apartamento nem cabe.

BERNARDO

Assim, você não precisa ficar enrolada nisso. Você já tem coisa demais.

ANNA

Que alívio!

BERNARDO

A Juliana me ajuda a resolver, ela tem muito jeito pra isso.

JOÃO

É? Que maravilha.

BERNARDO

Sim, sim. Acho que é o melhor pra todos. Se eu posso fazer, não tem porque sobrecarregar vocês.

JOÃO

Claro, claro.

BERNARDO

É um trambolho.

ANNA

Nem pode jogar um negócio desses na rua porque a Prefeitura multa.

JOÃO

A gente ia ter que acabar contratando uma caçamba pra levar isso daqui.

BERNARDO

A Juliana concordou com a possibilidade de ficar com a geladeira.

ANNA

Ah, é? Que beleza.

BERNARDO

Já que se trata de uma herança sentimental.

JOÃO

Puxa, que coisa boa.

BERNARDO

Disse que por ela tudo bem a gente levar pra casa.



ANNA

Hum...

Silêncio longo. Anna e João se entreolham.

JOÃO

A Juliana topou ficar com esse troço aí?

BERNARDO

Sim.

JOÃO

Hum.

BERNARDO

Não entendi esse hum.

JOÃO

Tô pensando.

BERNARDO

Pensando em quê?

JOÃO

Pensando.

BERNARDO

E, você, Anna? Também tá pensando?

ANNA

Tô.

BERNARDO

E eu posso saber em quê?

ANNA

Pensando.

BERNARDO

E vocês dois estão pensando na mesma coisa, por acaso?

JOÃO

Acho que sim.

BERNARDO

E não vão me falar no que é?

ANNA

É o seguinte, Bê, não é meio estranho a Juliana topar que a geladeira fique na casa de vocês?

BERNARDO

Não.

JOÃO

Não mesmo?

BERNARDO

Por que seria?

ANNA

Porque, bem, digamos...



JOÃO *(completando)*

A Juliana é uma escrota, né?

BERNARDO

O quê?!

ANNA

Eu não ia dizer isso.

JOÃO

Mas estávamos pensando, né?

BERNARDO

Vocês tão dizendo que a minha mulher é uma escrota?

ANNA

Não.

JOÃO

Sim.

ANNA

Não, claro que não, o João não quis dizer exatamente isso.

JOÃO

Na verdade, quis.

ANNA

Ele não sabe a hora de parar a brincadeira.

BERNARDO

Por que a minha mulher é uma escrota?

JOÃO

Porque ela é esnobe. Porque ela é nojentinha. Porque ela transformou a sua filha numa árvore de natal ambulante. Quer dizer, ambulante não, porque se aquela criança andasse sairia correndo da mãe. Porque ela odiava a vovó. Porque ela odeia a gente.

ANNA

Na verdade, ela odeia você, João. De mim, ela só tem inveja.

BERNARDO

Hã?!

ANNA

A sua mulher tem inveja de mim, é claro, todo mundo sabe.

BERNARDO

Do que você tá falando?

ANNA

Do meu sucesso profissional, do meu estilo, do meu nariz perfeito sem necessidade de intervenções cirúrgicas.

BERNARDO

A Juliana tinha desvio de septo.

ANNA

Claro, claro.

BERNARDO

Tinha mesmo, por isso a cirurgia, praticamente não mexeram no desenho do nariz.



JOÃO

Claro, imperceptível.

BERNARDO

Vocês não prestam. A pessoa precisava de um tratamento médico, faz um tratamento médico e vocês ficam julgando.

JOÃO

Claro, você tem toda a razão. Desculpe.

ANNA

É, desculpe.

JOÃO

Inclusive, eu só fumo maconha por causa do glaucoma.

BERNARDO

Puta merda, eu não sei o que eu vim fazer aqui.

ANNA

A gente tá perdendo o foco. A gente precisa resolver a questão da geladeira.

BERNARDO

A Juliana é uma pessoa maravilhosa. E muito preocupada com essas questões de família.

JOÃO

Ah, Bernardo, para. Não força a barra, vai.

BERNARDO

Bom, não vou discutir sobre a minha mulher com vocês. Vou levar em conta que vocês são completamente desequilibrados, um cheio de maconha, a outra cheia

de anfetamina na cabeça e relevar tudo o que disseram. Eu posso ficar com a geladeira. O que vamos fazer?

JOÃO

Pode, né?

BERNARDO

Posso.

JOÃO

Mas não quer.

BERNARDO

Não entendi.

JOÃO

Você disse que podia ficar.

BERNARDO

E posso.

JOÃO

Como um esforço pelo grupo.

ANNA

Isso não faz sentido.

BERNARDO

Vocês estão loucos.

O telefone de Anna vibra. Ela lê uma mensagem.



ANNA

Quer dizer que a Juliana achou legal isso?

BERNARDO

Legal, ela não achou.

JOÃO

Não?

BERNARDO

Não. Mas ela não se incomoda.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

É claro que tenho. Minha mulher não é um monstro, não.

ANNA

Eu não disse isso.

JOÃO

Eu também não. Disse? Saiu em voz alta?

BERNARDO

Vocês são muito injustos. A gente só quer ajudar. Oferecemos a nossa casa, nosso tempo, nosso esforço, e vocês duvidando. Eu não acredito.

JOÃO

É que vocês têm uma geladeira supermoderna, portanto não precisam dessa.

ANNA

E esse troço é muito grande.

JOÃO

Ocupa muito espaço.

ANNA

Vai incomodar.

JOÃO

Claro, olha pra isso, ocupando todo esse espaço.

ANNA

Mas ela não vai se incomodar mesmo com esse trambolho lá na sua casa até achar um ferro-velho? Tem certeza mesmo?

BERNARDO

Olha, eu não acredito que vocês estão fazendo isso.

ANNA

Nem eu.

BERNARDO

Como assim, Anna?

ANNA

Olha aqui, João.

Anna mostra a João a mensagem que recebeu no celular.

JOÃO

Sabial



BERNARDO

Sabia de quê? Do que vocês sabiam?

ANNA

Dos motivos pra poder ficar com a geladeira.

BERNARDO

Como assim?

ANNA

Antes de vocês chegarem, fotografei a geladeira e mandei pra Cora, uma amiga que trabalha com decoração e coisas antigas.

JOÃO

Putaquepariu, é uma vaca mesmo a sua mulher.

ANNA

João, menos.

BERNARDO

Eu exijo respeito com a minha mulher!

ANNA

Aí, a minha amiga acabou de responder. E sabe qual a resposta, Bernardo?

BERNARDO

Como eu posso saber?

ANNA

Eu acho que você sabe.

JOÃO

Essa geladeira vale uma grana!

ANNA

Essa geladeira azul é artigo de luxo pra colecionadores e pra gente descolada. Esses *hipster* de hoje em dia querem colocar um negócio desse em casa. E a minha amiga disse que, se eu quiser vender, ela tem comprador. Inclusive disse que vai me mandar uma proposta em alguns minutos, só foi checar com o cliente.

BERNARDO

Vocês não podem estar falando sério...

ANNA

Ah, estou. Vale uma grana e, tenho certeza, a Juliana deve saber disso. Porque ela jamais admitiria esse trambolho lá na sua casa.

JOÃO

Mas isso tem cheiro de armação. Quer ficar com a geladeira pra vender.

ANNA

Isso é a cara da Juliana, mas é a cara dela.

JOÃO

Até parece que um dia ela ligou pra alguma coisa da nossa família. Ou da vovó.

ANNA

Muito menos pra uma geladeira como essa. Esse negócio velho.

JOÃO

Nem deve gelar direito.

ANNA

Não combina com a cozinha de vocês.

JOÃO

Nem tem incontáveis divisórias.

ANNA

Nem tem *frost-free*.

JOÃO

Nem gaveta pra ela guardar o queijo *brie* e a geleia de damasco dela pra colocar nos pãezinhos das visitas chiques que vocês recebem em casa.

BERNARDO

Calem a boca! Isso tudo aqui é uma grande droga. Uma grande droga. Uma droga de casa, uma droga de geladeira, uma droga de herança, uma droga de cozinha, uma droga de encontro. Tudo! Eu lembro da festa, sim! E sabe mais do que eu lembro? De que vocês sempre têm que ficar com alguma coisa minha. Isso tudo aqui deveria ser meu. Eu sofri muito aqui, nessa droga de casa, numa droga de infância. Ah, João, tá querendo pegar meu presente de novo? Já não bastaram todos os presentes que você ganhou da vovó nos meus aniversários? Tá querendo fazer dessa droga de geladeira a sua espada de hoje? E você, Ana, quer tomar conta de tudo aqui também? Vocês, vocês, vocês, vocês querem tudo. Eu não aguento mais isso. Eu quero ir embora daqui.

Silêncio.

BERNARDO

Eu odeio essa festa. Quer dizer, eu odeio essa conversa.

CENA 5

A explosão de Bernardo cria um clima ruim entre os irmãos. Aproveitando a oportunidade, Anna sai da sala para atender ao telefone. É uma ligação profissional: ela trabalha em uma multinacional do setor energético e ocupa um alto cargo executivo. Estava no meio de uma negociação importante, mas teve que resolver a questão da geladeira. Com medo que isso pudesse impactar negativamente na sua imagem profissional, mentiu na empresa.

ANNA *(para os irmãos, que não parecem ouvir)*

É... só um minuto, preciso atender, tá? *(falando ao telefone)* Alô? (...) Oi, tudo bem?, tudo, tudo certo (...) desculpe não ter te atendido antes. A negociação por aqui não tá fácil (...) É, pois é (...) A consultoria? Ah, a consultoria vai bem. (...) Mas eu não chamaria de consultoria, é bem mais informal. (...) Na verdade, é só um grupo de estudantes pra quem eu vou falar algumas coisinhas sobre a profissão, sobre os desafios do mercado, sobre o papel de destaque das mulheres nesse novo mercado, coisas do tipo, é mais um bate-papo. (...) Ah, bem, eles são jovens, né? Meio nervosos, um pouco estressados demais pra idade (...) Mas eu sou firme, consigo domá-los (...) Ainda não se acostumaram com a vida real, né?, às vezes, fica até meio difícil conversar, tem que explicar as coisas bem devagarzinho (...) É... a escola?, ah, é uma aqui na zona sul, bem pequenininha, quer dizer, na zona norte, você não conhece, não (...) É um favor prum amigo (...) O nome?... Azul. Escola Geraldo Azul, estranho, né? Também acho. (...) Errr... eu preciso ir agora, mais tarde a gente se fala.

CENA 6

(Pode ser uma cena fundida com a anterior, em que Anna fala ao telefone.)

Depois da explosão de Bernardo, João também aproveita a deixa para andar um pouco pela casa. Primeiro, ouve Anna mentindo pelo telefone para os colegas do trabalho. Depois, vê Bernardo fumando escondido. Tenta relaxar se distanciando-se tudo e todos e vai para o quintal.

Enquanto finge levar uma vida saudável, João continua estressado e passa os dias preenchendo seu vazio interior com muitos doces, drogas de baixa qualidade, superstição barata e autopiedade sem medida.

Ele senta no quintal e tira do bolso uma sacola. De dentro dela, tira um pacote de balas e come tudo.

CENA 7

Bernardo havia saído pra fumar do lado de fora da casa. Volta à cozinha e dá de cara com Anna, que o procurava. Ela fala com Cora, a amiga decoradora que avaliara a geladeira no celular.

ANNA *(ao telefone)*

Então, vamos fazer assim: vou combinar com eles aqui, espero tua ligação e logo logo a gente bate o martelo, tá? (...) Um beijo.

BERNARDO

Oi, tava te procurando.

ANNA

Não quero brigar.

BERNARDO

Nem eu.

ANNA

Ótimo.

BERNARDO

Não tem porquê.

ANNA

Então, vamos conversar sobre o que interessa: a geladeira.

BERNARDO

Nos livrarmos da geladeira.



ANNA

Pois bem. Tava no telefone com a Cora, a minha amiga decoradora. Pedi que ela sondasse alguns clientes e visse se há alguma proposta.

BERNARDO

Tem alguma coisa?

ANNA

Não confirmei nada, pedi apenas que ela visse isso logo, pra gente poder resolver o mais rápido possível.

BERNARDO

Tenho muita coisa pra fazer, verdade.

ANNA

E eu? Não podia estar aqui de jeito nenhum, tô cheia de coisa, envolvida em uma grande negociação.

BERNARDO

Cadê o João?

ANNA

Não sei, não vejo ele há um tempo.

BERNARDO

Deve estar fumando no meio do jardim.

João entra.

JOÃO

Ei.

ANNA

A gente tava procurando você.

JOÃO

Não tavam nada. Tavam aqui.

BERNARDO

A gente ia atrás de você, porque, afinal, viemos aqui resolver uma coisa importante e você tava sumido por aí.

JOÃO

Tava pensando um pouco.

BERNARDO

Sei.

ANNA

Sobre o que interessa, a geladeira.

JOÃO

Claro.

BERNARDO

Porque ninguém aqui tá com tempo sobrando.

ANNA

Exato. A Cora...

JOÃO

Quem é Cora?



BERNARDO

A amiga decoradora.

JOÃO

A que estragou o esquema da Juliana?

ANNA

Pois bem: falei com ela pra sondar alguns possíveis compradores que ela tem pra geladeira. Ela ficou de me ligar com uma proposta.

JOÃO

Já vendeu?

ANNA

Não, ela ficou de me ligar com uma proposta.

JOÃO

Mas ela tem alguém em mente?

BERNARDO

Deve ter, né?

ANNA

Imagino que sim. Ela conhece bastante gente, trabalha pra essa galera moderninha.

JOÃO

Bom.

BERNARDO

Maravilha.

ANNA

Acho que não demora muito não. Ela disse que teria umas três pessoas a quem esse troço interessaria, pelo menos.

BERNARDO

Ótimo.

JOÃO

Tem muito tempo que vocês falaram?

ANNA

Ainda agora.

BERNARDO

Por quê?

JOÃO

Queria resolver logo.

BERNARDO

Ah, sim.

ANNA

Todos nós.

JOÃO

Não tem porque perder tempo com isso.

BERNARDO

Se eu soubesse que ia ser só isso, tinha deixado pra você resolver isso, Anna.



ANNA

Não sou sua funcionária, Bernardo.

BERNARDO

Não disse isso.

JOÃO

Acho que ele quis dizer que você é mais prática pra essas coisas, sabe resolver bem, arrumar, organizar as coisas.

BERNARDO

Exatamente.

JOÃO

E, claro, ele não precisaria ouvir a Juliana reclamando que ele deu mole e não ficou com a geladeira só pra eles, poderia pôr a culpa tranquilamente em você.

BERNARDO

Cresce, João, deixa de ser babaca.

ANNA

Esse trambolho aí só tá tomando o meu tempo. Hoje é um dia cheio pra mim e ainda tive que vir pra cá resolver isso.

JOÃO

Tá cedo pra ligar pra ela perguntando?

ANNA

Pra Cora?

JOÃO

É.

ANNA

Acabamos de falar.

BERNARDO

Ela disse quanto vale?

ANNA

Talvez uns cinco mil.

JOÃO

Pela geladeira?

ANNA

É.

BERNARDO

Não é muito, mas...

JOÃO

É uma geladeira. De 1947.

ANNA

É de 1947?

JOÃO

Sei lá, é velha pra cacete.

BERNARDO

A vovó dizia que tinha sido a primeira geladeira dela, a primeira que teve depois que casou.



JOÃO

Então, tá vendo? Muito velha.

BERNARDO

A Juliana disse que é *vintage*.

ANNA

Tem gente que usa como estante. Ou só como uma peça mesmo na sala.

JOÃO

Sério?

ANNA

Foi o que ela me disse.

BERNARDO

A Juliana tem uma amiga que tem uma geladeira antiga também.

ANNA

Pois é, ela disse que tem um pessoal que acha legal. E que não é fácil achar uma tão bem conservada como a nossa.

BERNARDO

Então cinco mil é pouco, não?

ANNA

Ela disse que, pelo menos, cinco mil.

JOÃO

E ela tem comissão?

ANNA

Claro.

BERNARDO

Não é sua amiga?

ANNA

É, ué.

BERNARDO

Achei que era uma ajuda de amiga.

JOÃO

Tá pensando na divisão. Cinco, menos a comissão, quanto é a comissão?

ANNA

10%.

BERNARDO

Porra... e você achando que ela é sua amiga.

ANNA

Amigos precisam viver. Pagar contas, sabe? E aí, trabalham pra isso.

BERNARDO

Mas esse é o trabalho dela? Vender geladeiras velhas das casas de pessoas idosas falecidas?

JOÃO

Não, ela ganha dinheiro arrumando a casa de gente metida.

ANNA

A vovó estragou vocês dois.



BERNARDO

Nisso você tem razão. Meia razão. É só olhar pro João.

JOÃO

Voltando ao que interessa: cinco, menos quinhentos, fica quatro e quinhentos.

Temos um e quinhentos pra cada um. É isso?

BERNARDO

Se a gente for dividir igualmente, sim.

JOÃO

E por que não seria em partes iguais?

BERNARDO

Não sei, só comentei.

ANNA

Não vejo motivos. Nenhum de nós teve muito tempo pra visitar a vovó mesmo.

BERNARDO

Eu não tinha tempo. Vocês não sabem como é difícil construir uma família.

ANNA

Não sou desocupada, não, Bernardo. Só porque eu não tenho filhos, tenho tempo?

JOÃO

Galera, a geladeira.

ANNA

Tem razão.

BERNARDO

Sabe o que eu acho? Como se trata de uma surpresa essa grana, vocês, como não têm filhos, podiam pensar na sobrinha que têm e dar um presente a ela ou ajudar na festa ou, quem sabe?, um fundo para educação no futuro.

JOÃO

Sabia.

ANNA

Bernardo, desculpe, vi sua filha três vezes. Não pago quinhentos reais por vez nem pra ver o Cirque du Soleil.

JOÃO

A menina nem tem um ano ainda e você já tá mandando esse caô?

BERNARDO

Sei lá, é um dinheiro inesperado, vocês podiam...

JOÃO

Tenho umas coisas pra pagar, vai dar uma aliviada.

BERNARDO

Claro.

ANNA

Viajo no fim do ano de férias.

BERNARDO

Hum.

ANNA

Vou usar pra isso.



BERNARDO

Imaginei.

JOÃO

Férias? Vai pra onde?

ANNA

Nova Iorque. Depois, Londres e Paris.

BERNARDO

Nossa...

JOÃO

Tá com dinheiro, hein?

ANNA

Eu trabalho bastante, mereço.

JOÃO

Claro que sim.

BERNARDO

Vou viajar também.

ANNA

Pra onde?

BERNARDO

Disney, acho.

JOÃO

Tá com dinheiro também, hein?

ANNA

Tá mesmo, festa pra criança, Disney.

BERNARDO

Aí é que você se engana.

JOÃO

Ih, começou a chorar.

BERNARDO

Por isso, perguntei sobre o que vocês iam fazer com a grana da geladeira. Porque...

JOÃO

Bernardo, sua filha tem um ano.

ANNA

Um ano.

JOÃO

Um ano! Porra! Ela não vai lembrar de nada, cara.

ANNA

Pode colar uns papéis crepom meio toscos na parede, enrolar bala de coco naqueles enfeites ridículos e tá tudo certo.

BERNARDO

A criança tem que ter uma festa.

ANNA

Um ano, Bernardo.



BERNARDO

Criança precisa de festa. É importante, fica pra sempre.

JOÃO

Um ano, Bernardo.

BERNARDO

Olha, nós já falamos disso e não vamos voltar a esse assunto, ok?

Silêncio.

BERNARDO

E você não vai viajar, João?

JOÃO

Não sei se vai rolar.

BERNARDO

O dinheiro vai ser pra isso? Vai vender sua parte na geladeira da vó pra torrar em dívidas?

JOÃO

Tenho que pagar algumas contas atrasadas.

ANNA

É triste mesmo.

JOÃO

Paciência.

BERNARDO

Vai fumar essa porra toda, né?

JOÃO

Por que você se incomoda tanto com os meus hábitos?

BERNARDO

Porque eu sou seu irmão.

JOÃO

A Anna também é e não enche meu saco.

BERNARDO

A Anna não tem tempo pra isso.

ANNA

Não tenho mesmo. Cada um faz o que quer da vida.

BERNARDO

Quero ver falar isso quando a gente tiver que rachar a clínica de desintoxicação dele.

JOÃO

Ei!

ANNA

Você vai pra uma clínica de desintoxicação?

JOÃO

Não!

BERNARDO

Não?

ANNA

Você precisa ir pra uma clínica de desintoxicação?

JOÃO

Não, espera, não desviem o assunto. Estamos falando da geladeira. Não sou viciado em drogas. Não mais que vocês.

BERNARDO

Espera lá...

JOÃO

Café, uisquinho, remedinho pra dormir, remedinho pra acordar, cigarrinho escondido. Todo mundo se desestressa de algum jeito. Tenho que pagar contas. Muitas, como qualquer pessoa. E minha vida não é como a de vocês. Ganho pouco, às vezes, gasto mais.

ANNA

Não precisa se aborrecer.

JOÃO

Preciso. Porque é o seguinte: eu esperava ficar com alguma coisa dessa desgraça toda. Vim aqui achando que fosse rolar alguma coisa. Só que só tem essa merda de geladeira. Só uma geladeira. Uma geladeira velha. E, apesar de eu achar que mereço mais, pra gente não ficar aqui eternamente, essa merda dessa geladeira é pra ser dividida em três partes. Vender e dividir. Dane-se se você vai usar sua parte pra doar pro Médicos Sem Fronteiras, se vai comprar vestidos, pagar um animador vestido de palhaço ou tomar champanhe na Torre Eiffel. Não é da minha conta. Eu só quero me livrar dessa merda dessa geladeira, dessa merda desse dia, ir embora daqui.

Silêncio.

JOÃO

Eu odeio essa casa.

CENA 8

Passado. As três crianças estão em cena outra vez.

Anna e Bernardo brincam no quintal.

João passa com uma trouxa de coisas. Está fugindo de casa.

ANNA

Ei! João!

BERNARDO

Aonde você vai?

ANNA

É, pra onde cê tá indo?

JOÃO

Vou embora.

ANNA

Oi?

BERNARDO

Que história é essa?

JOÃO

É, vou embora.

ANNA

Por quê?

JOÃO

Porque não me sinto plenamente satisfeito aqui.

BERNARDO

Como assim?

JOÃO

Não sei. Eu vi a moça falando isso na televisão quando ela ia embora. Não sabia que tinha que explicar essa frase.

ANNA

João, deixa de bobeira, guarda as coisas e vem brincar.

JOÃO

Não, estou decidido. Eu vou embora.

ANNA

Você tá maluco?

JOÃO

Não.

ANNA

Eu não vou deixar você ir embora.

JOÃO

Você não manda em mim.

BERNARDO

Anna, espera...

ANNA

Eu não vou deixar essa criança...

JOÃO

Você não manda em mim!

BERNARDO

Ele tem razão, a gente não manda nele.

ANNA

Bê!

BERNARDO

Tô só dizendo, ué.

ANNA

Você quer que ele vá embora?

BERNARDO

Não! Mas...

JOÃO

Eu vou embora.

ANNA

Ei, espera. Tem frango com aipim pro jantar.

JOÃO

Tá vendo?

ANNA

O quê?

JOÃO

Vocês estão vendo?!

BERNARDO

O quê?

JOÃO

Vocês estão vendo como eu não sou respeitado nesta casa?

ANNA

Como assim?

JOÃO

Frango com aipim?

BERNARDO

É, sente o cheiro que tá vindo da cozinha.

JOÃO

Eu não gosto de frango com aipim.

ANNA

Claro que gosta!

JOÃO

Como eu posso ficar aqui desse jeito?

BERNARDO

Todo mundo come frango.

JOÃO

Eu sou constantemente desrespeitado.

ANNA

João, para com isso. Você gosta de frango com aipim.

JOÃO

Vocês acham que controlam meus gostos.

ANNA

A gente já comeu isso várias vezes.

JOÃO

É a rotina, como ela é cruel.

BERNARDO

Anna, deixa ele. É tudo cena.

ANNA

Eu vou é falar com a vovó.

Anna vai pra dentro de casa falar com a avó.

BERNARDO

João, a gente tem que ser rápido agora. Você quer mesmo ir?

JOÃO

Sim. Eu não me sinto mais part...

BERNARDO *(interrompendo)*

Então, a gente tem que andar logo. Vou te ajudar a fugir.

JOÃO

Vai mesmo?



vende-se uma geladeira azul

Rafael Cal

Núcleo de
Dramaturgia/2014

BERNARDO

Vou.

JOÃO

Obrigado, Bê, você é o melhor irmão do mundo.

BERNARDO

Deixa as coisas escondidas aqui no quintal. Você sai correndo pra não dar tempo da Anna voltar com a vovó e elas te pegarem aqui. Mais tarde, a gente se encontra lá perto da escola e eu te entrego as tuas coisas e umas moedinhas que eu tenho. O que você acha?

ANNA

João! João! Fica! A vó perguntou se você viu o que tem dentro da geladeira.

JOÃO

Dentro da geladeira?

ANNA

É, pra sobremesa.

JOÃO

Não.

ANNA

Tem doce de leite.

JOÃO

Doce de leite?

ANNA

É.

JOÃO

Pra sobremesa?

ANNA

Aham.

João se resigna e volta andando com a trouxa na direção da casa.

BERNARDO

Eu odeio doce de leite!

CENA 9

Dias atuais.

O telefone de Anna vibra. É uma mensagem de Cora sobre a geladeira.

BERNARDO

E aí?

ANNA

Tem uma proposta de seis mil.

BERNARDO

Seis?

ANNA

É mais do que ela tinha dito até.

BERNARDO

Sim. Muito mais.

ANNA

Bom, né? Vou confirmar com ela.

BERNARDO

Menos a comissão dela, sobra mil e oitocentos pra cada.

ANNA

Ai que ótimo que ela arranjou uma compradora.

BERNARDO

Rápido, né?

ANNA

Muito.

BERNARDO

Vou avisar à Juliana.

ANNA

Mas ela é muito boa mesmo.

BERNARDO

Com esse dinheiro dá pra pagar mais da metade da festa.

ANNA

É mais do que gastei com a passagem pra Nova Iorque.

BERNARDO

Vai me dar uma folguinha nas contas. Já posso começar a planejar a viagem.

ANNA

Nossa, é bom quando vem um dinheiro inesperado assim, né? Não vai sobrar nada em Nova Iorque.

Anna ri sozinha; Bernardo manda uma mensagem por celular pra esposa. Os dois comemoram a venda. Anna responde a mensagem de Cora, confirmando a venda.

ANNA

Pronto, tá feito. Ela disse que vai transferir o dinheiro pra minha conta logo, pra garantir o negócio. Mas tem o seguinte, tem trezentos reais do pessoal do transporte. Então, fica por R\$ 5.100 líquido pra nós, tirando a comissão e o transporte.

BERNARDO



É, faz sentido.

ANNA

Alguém tem que pegar esse trambolho. Não cabe no meu carro.

BERNARDO

Nem no meu.

ANNA

E é gente que já trabalha com ela. Não deve demorar.

BERNARDO

Ela já tinha um comprador, tenho certeza.

ANNA

Verdade.

BERNARDO

Muito rápido. Ainda extorqui do cara uma grana a mais. Experta essa sua amiga, hein?

Anna e Bernardo riem. Depois, um silêncio.

ANNA

Ei, João, por que você tá quieto?

JOÃO

Tô quieto.

BERNARDO

Tá mesmo.

JOÃO

É que... Eu não sei se eu quero vender a geladeira.

BERNARDO

Oi?

ANNA

O quê?

JOÃO

Eu não sei se eu quero vender a geladeira.

BERNARDO

Mas que história é essa?

ANNA

De onde você tirou isso?

BERNARDO

Eu não falei que ele tava com problema com drogas? Alteração de personalidade, sintoma clássico do problema.

JOÃO

Eu não tenho certeza.

ANNA

Você entendeu que vai levar R\$ 1.700 limpinho sem nenhum esforço?

BERNARDO

E que ainda vamos encerrar esse dia de merda de hoje?

JOÃO



Eu não sei se eu quero!

ANNA

Você não quer dinheiro? E as suas dívidas? E as drogas que você tem que comprar por aí?

JOÃO

Não se trata do dinheiro.

BERNARDO

É sempre dinheiro. É o quê? Tá querendo mais? É isso? Você acha que merece mais porque era o predileto daquela velha escrota?

JOÃO

Por que você odeia tanto a vovó?

BERNARDO

Predileto daquela velha escrota! Sabia que isso ia acontecer.

ANNA

Não tem nada disso de predileto, Bernardo. Para com isso.

BERNARDO

É claro que tinha. Ela me odiava. Era tudo pra esse moleque mimado. Tudo. Docinho de leite. Comidinha. Espadinha. Festinha. Deu no quê? Nesse cretino, desocupado, maconheiro e mimado. Você devia ter ido embora naquele dia.

JOÃO

Você bem que queria, né? Você acha que eu não lembro de você me pilhando pra ir embora?

ANNA

Que história é essa?

BERNARDO

Você devia ter ido. Devia ter sumido. Ou eu devia ter vendido você. Melhor do que ter que vender essa merda dessa geladeira agora.

ANNA

Olha, vamos ser práticos, tá? João, eu mandei uma mensagem confirmando. Já tá feito. A geladeira não serve pra nada mesmo, ela nem funciona. É só esse troço aí que a gente tá vendo e que essa galera descolada acha que é objeto de decoração. E sorte a nossa que eles pensam assim.

JOÃO

Eu não assinei nada!

ANNA

Você sabe que não é assim. Não é um imóvel, cara. É uma parte dos objetos da casa que, gentilmente, o advogado da vovó separou porque ela pediu a ele que ficasse com a gente. Vamos pensar direito nas coisas. E resolver, é preciso resolver rápido.

JOÃO

Anna, eu não quero ir embora. Eu sei que eu disse que queria, que não queria saber de nada disso.

ANNA

Então?

JOÃO

Mas essa geladeira, essa geladeira é a única coisa que resta da gente, você não entende? É a única coisa que sobrou do passado.

BERNARDO



E pra que você quer algum resto do passado? Pra que resto daquela maldita infância?

JOÃO

Que infância maldita? A gente foi feliz aqui.

BERNARDO

A gente quem? Eu vivia aqui com você me tomando tudo, todos os espaços, todas as coisas, todo o tempo da vovó.

Bernardo começa a chorar.

JOÃO

Eu não quero vender a geladeira.

BERNARDO

Eu tenho o direito de me livrar do meu passado.

JOÃO

Mas não tem o direito de me livrar do meu.

BERNARDO

Eu não quero nada que me lembre da minha infância, cara.

JOÃO

Eu sei. Inclusive eu e a Anna. Ou a vovó.

BERNARDO

Se eu não vejo vocês é porque a minha vida é cheia. Eu tenho uma família.

JOÃO

Você não vê a gente porque quer apagar tudo.

BERNARDO

Dane-se, isso não é da sua conta, não é da conta de ninguém, isso nem importa aqui. Eu tenho direito de me livrar dela. Olha o que ela fez com a gente, olha como a gente é.

JOÃO

Você não tá mais falando da geladeira, né?

BERNARDO

Não interessa mais. O que importa é que eu quero vender e quero ficar com o dinheiro da venda.

ANNA

João, é um dinheiro bom, a gente quer vender.

JOÃO

É tudo pelo dinheiro?

ANNA

Sem romantizar, vai.

JOÃO

Se eu arrumasse o dinheiro e pagasse a parte de vocês, tava tudo certo?

BERNARDO

Você arrumando dinheiro? Por favor, né?

ANNA

Olha, a gente tinha decidido. Até você.

BERNARDO

Já tá feito. Eu não quero nem saber mais desse papo.



ANNA

Não vamos insistir nisso, tá?

JOÃO

Até você, Anna? Você também acha que foi tudo horrível? Que a gente tem que jogar tudo fora?

ANNA

Importa?

JOÃO

Importa!

ANNA

João, a gente não é obrigado a gostar de ninguém. Nem da família. Bernardo pode achar o que quiser. Pra mim, é indiferente tudo isso. Só quero resolver.

JOÃO

Você quer mesmo jogar tudo fora?

ANNA

João, é só uma geladeira azul velha. Que, felizmente, alguém quer comprar.

JOÃO

Não é só uma geladeira. Não é só uma geladeira.

ANNA

Você quer saber o que eu acho mesmo? Que, mais uma vez na sua vida, a gente tá vendo um lindo discurso pra travestir a tua não ação. Foi ver a vó quantas vezes? Ah, foi mais que a gente. Quanto? Uma vez? Duas? Três, no máximo. Quantas vezes você veio aqui depois que se mudou? Não precisa me contar. A geladeira é, no fim das contas, só uma geladeira, João. Diga você o que quiser dizer. Pode gritar, chorar, reclamar e me xingar. Vai continuar sendo uma geladeira. Se a vovó queria bom senso, talvez tenha confiado nas pessoas erradas. Sabe o que vai acontecer se você levar a geladeira pra casa? Nada. Ferrugem. A ferrugem corrói, João. Corrói tudo.

CENA 11: Epílogo

A geladeira, vendida, é levada por um carregador.

FIM

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA

Presidente do Sistema FIRJAN

ALEXANDRE DOS REIS

Diretor Regional do SENAI-RJ e Diretor

Superintendente do SESI-RJ

LUIZ ERNESTO DE ABREU GUERREIRO

Diretor de Qualidade de Vida

ANTENOR JOSÉ DE OLIVEIRA NETO

Gerente de Cultura e Arte

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Idealizadora: Marina Henriques

Orientadores: Carla Faour e Henrique Tavares

Banca julgadora: Carla Faour, Henrique Tavares, Marcia Zanelatto, Inez Viana e Colmar Diniz

Curadoria artística e produção das

leituras dramatizadas: Pedro Nercessian

Fotografia: Robson Maestrelli

Realização: SESI Cultural

PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2014

Aline Santos

Anita Chaves

Antonio Paiva Filho

Clóvis Andrade

Guilherme Schettini

Herton Gustavo

Leandro Pires Bellini

Leandro Souza

Lohan Pignone

Luciane Reis

Lucilia da Costa

Maciel Tavares

Miguel Vasconcellos

Nívea Oliveira

Pedro Alvarenga

Pedro Medina

Rafael Cal

Rita Elmor

Sasha Frank

Thales Paradela

AGRADECIMENTO ESPECIAL

O SESI Cultural agradece a todos que participaram e fizeram do Núcleo de Dramaturgia um sucesso, em especial aos palestrantes, atores convidados que encenaram as leituras dramatizadas e as instituições SP Escola de Teatro e Sociedade Brasileira de Autores – SBAT.

FICHA TÉCNICA PUBLICAÇÃO

Projeto gráfico e diagramação:

Flávia da Matta Design

Impressão: Gráfica Stampipa



Sistema
FIRJAN

FIRJAN
CIRJ
SESI
SENAI
TEL
SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.